

A literatura afro-brasileira na sala de aula

Profa. Ms. Mariângela Monsores Furtado Capuano (CPII)

Resumo

A Aprovação da lei 10639/2003, que torna obrigatória a inclusão do estudo de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares, gerou uma movimentação nos meios acadêmicos no sentido de contemplar nas disciplinas escolares esse novo conteúdo. Essa comunicação tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho de literatura no Ensino Médio, tomando como ponto de partida a desconstrução através da literatura da imagem estereotipada da figura do negro, formada ao longo de nossa história. Para tanto, a nossa proposta é utilizar textos da literatura brasileira canônica ou não em que o negro é referido como objeto e não como produtor de cultura, em comparação com uma produção literária que objetiva a reversão dessa imagem negativa, bem como o fortalecimento das raízes afro-brasileiras.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira, cânone, desconstrução de estereótipos

Desde muito cedo na história da literatura brasileira, a figura do negro foi vítima de um verdadeiro apagamento, pois a pouca referência a sua existência fixou-se apenas na sua condição de cativo. Na literatura que era aqui produzida, ainda no período colonial, e que foi escolhida pelos críticos como oficial, o negro, ativo participante do processo de formação do povo brasileiro, permaneceu por muito tempo esquecido, ou melhor, relegado à condição de um simples objeto da crueldade e da tortura de seus opressores.

Durante o período romântico brasileiro, que coincide com a “independência” do Brasil, na sua primeira fase, houve, como se sabe, o projeto explícito de formação da identidade nacional. Isso se deu em consonância com o movimento romântico na Europa, surgido com o ideal de afirmação da identidade das nações recém criadas. A composição étnica eleita como sendo o princípio formador do povo brasileiro ficou sendo o branco europeu colonizador e o índio nativo colonizado. A presença do negro na literatura canônica brasileira dessa época foi totalmente ocultada. Embora já nessa fase da vida literária brasileira pudéssemos contar com alguns intelectuais afro-descendentes, o que ficou marcado como sendo o cânone daquele tempo não contemplava em nada a forte presença da cultura negra na formação do povo brasileiro.

Sabe-se hoje que vários intelectuais afro-descendentes, já naquela época, demonstravam preocupação em apresentar o negro como sujeito de um processo e não apenas como objeto deste, mas o que de fato impôs-se como literatura canônica não trazia em seu bojo a imagem do negro como produtor de cultura.

O escritor Machado de Assis, em sua época, foi vítima de discriminação racial e durante muito tempo críticos acusaram-no de adotar a política do próprio branqueamento em referência a sua opção de, segundo esses mesmos críticos, omitir em suas obras questões que envolvessem “(...) a problemática do escravagismo (...)” (SCARPELLI, 2006, p. 351).

Segundo a ensaísta Marli Fantini Scarpelli, acima citada, após análise de determinados contos de Machado de Assis, o tema da discriminação racial não só aparece como também é denunciado por ele, e a abordagem e a denúncia nem sempre estão explícitas, mas se apresentam “(...) em fragmentos, de forma recôndita ou sublimada” (p. 354).

A abordagem do tema da escravidão e de todas as mazelas a ele inerentes esteve presente nas obras de muitos escritores da nossa literatura. Vários deles podem ser aqui enumerados, porém, autores que tratam de questões ligadas à vida e às tradições dos afro-descendentes aqui no Brasil e

que apresentem o negro como produtor de cultura e como sujeito e não mais como objeto, é que são mais raros. Segundo artigo de Eduardo de Assis Duarte (p.319), o primeiro romance com temática afro-brasileira – *Úrsula* - foi escrito no século XIX por uma escritora maranhense, Maria Firmina dos Reis, antes mesmo da abolição da escravidão. Segundo o articulista, o que insere essa obra na temática afro-brasileira é o deslocamento da figura do negro dentro do romance da condição de objeto à condição de sujeito da ação. A escravidão, tema do livro, é abordada “(...) a partir do ponto de vista do *outro*. ”(DUARTE, 2006, p. 321), entendendo-se esse outro como a voz daquele considerado peça, coisa, sem nenhum passado e nenhum status de humano.

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afro-descendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida como produção afro-descendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a *condição* do *ser negro* (p.327).

Partindo da idéia de que literatura negra no Brasil ou literatura afro-brasileira seriam as produções de escritores engajados na discussão da problemática da vida dos excluídos por questões de ordem étnico-raciais, analisaremos aqui algumas produções literárias que estão ligadas de alguma forma a essa temática.

Faremos uma análise comparativa dos poemas “Essa negra Fulô”, de Jorge de Lima, e “Outra Nega Fulô”, de Oliveira Silveira, e faremos uma análise também do texto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo.

No poema “Essa negra Fulô”, percebe-se que o poeta denuncia a difícil condição do negro no Brasil, que, segundo Lília Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 1996, p.12), “(...)entendido como uma propriedade, uma *peça* ou *coisa*, o escravo perdia a sua origem e sua personalidade para se transformar em um *servus non haber personam*: um sujeito sem corpo, antepassados, nomes ou bens próprios”.

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

A escrava-mucama era constantemente solicitada para todos os afazeres ligados à senhora. Por viver dentro da alcova de sua patroa, foi acusada de vários roubos e, por conseguinte, foi condenada a um castigo. Ao se preparar para receber as chibatadas do patrão, quando se despe para recebê-las, acontece uma outra espécie de roubo, agora tendo sido, embora contra sua vontade, realizado por ela, pois dos outros estava sendo acusada sem que tivéssemos a comprovação real de que fosse realmente a autora. Rouba da sinhá o seu marido. Na verdade, é a beleza de seu corpo que seduz o seu senhor.

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá
Chamando a negra Fulô!)
Cadê meu frasco de cheiro
Que teu Sinhô me mandou?
— Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!
(...)

O Sinhô foi açoiatar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dêle pulou
nuinha a negra Fulô.
(...)

O poema tematiza a difícil condição do negro na sociedade escravocrata brasileira de uma forma descontraída, sugerindo um desfecho inusitado, pois a situação acaba se invertendo: quando o senhor é seduzido pela beleza da negra, é a mulher branca que então é lograda por ter perdido seu marido para a escrava.

(...)

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra fulô?
(...)

A imagem do negro nesse poema é a mesma que aparece em várias produções que circulam oficialmente e até mesmo extra-oficialmente nos meios literários: “máquina de trabalho”, “coisa ruim” e “objeto sexual” (FONSECA, 2006, p.16). Ou seja, o negro é retratado como objeto, sempre subserviente e nunca sujeito de uma produção. No caso do poema em questão, o fim “inusitado” não foi da escolha de Fulô e nem pode ser visto como tendo sido algo positivo para a imagem do negro. Esse final apenas reforça o estigma de objeto sexual a que mulher negra era reduzida, pois o senhor não se apaixonou por ela, mas sentiu-se atraído por sua beleza física.

Caso diferente pode ser observado no poema “Outra Nega Fulô”, de Oliveira Silveira (SILVEIRA, 1998, p.109). Nesse contexto, a negra Fulô, que pode ser a mesma do poema de Jorge de Lima, ao ser açoiada pelo senhor, utilizou intencionalmente a sua sensualidade e o fez desistir do castigo. Ela, na versão contemporânea, mais consciente de suas capacidades, mais esperta, nega-se à subserviência e vale-se de seus atributos físicos para proteger-se. A negra Fulô deixou de ser o objeto e passou a ser o agente da ação, uma vez que agora é ela que dita as regras do jogo e domina a situação. A negra Fulô dos dias atuais não se sujeita a ninguém e escolhe com quem vai se relacionar.

O sinhô foi açoiatar
a outra nega Fulô
- ou será que era a mesma?
A nega tirou a saia,
a blusa e se pelou.
O sinhô ficou tarado,
largou o relho e se engraçou.
(...)
A sinhá burra e besta perguntou
onde é que tava o sinhô
que o diabo lhe mandou.
- Ah, foi você que matou!
- É sim, fui eu que matou –
disse bem longe a Fulô
pro seu nego, que levou
ela pro mato, e com ele

aí sim deitou.

(...)

Nesse poema, há uma inversão de papéis. O senhor transforma-se em vítima de Fulô e a senhora é descrita como “burra” e “besta”. Os escravos eram comparados a animais e, nesse poema, esses atributos são dirigidos à senhora.

Um outro aspecto levantado nesse poema diz respeito à questão religiosa. Quando Fulô, ao defender-se da investida do senhor, atinge-o com uma paulada, o velho pai João, figura pertencente a uma religião de matriz africana, que ainda hoje é alvo de preconceito, orgulha-se de seu feito. O poeta faz uma referência ao poeta do texto “Essa negra Fulô”, Jorge de Lima (“seminegro e cristão”) que, supostamente, ter-se-ia escandalizado com a atitude da negra Fulô dos tempos atuais. Vale ressaltar que Oliveira Silveira, nesses versos, faz uma crítica à religião cristã que condenaria os atos de Fulô, mas que não condenou os atos repetidos dos “cristãos” brancos que sempre maltrataram e subjugaram os negros.

(...)

A nega em vez de deitar

pegou um pau e sampou

nas guampas do sinhô.

(...)

Esta nossa Fulô!

dizia intimamente satisfeito

o velho pai João

pra escândalo do bom Jorge de Lima,

seminegro e cristão.

(...)

A abordagem do negro como sendo agente e sujeito da ação faz parte de um projeto de reversão da imagem estereotipada que se formou ao longo da história de sua chegada e de sua integração como elemento formador do povo brasileiro. Faz-se necessário dissipar-se a imagem de inferioridade constantemente reforçada pela história oficial e também pelos textos literários e obras de arte. Imagens essas que ficaram impregnadas no imaginário popular e que deram origem aos vários movimentos discriminatórios a que os negros foram submetidos ao longo dos tempos.

A função da literatura negra ou literatura afro-brasileira é tratar de temas que estejam ligados à cultura negra e suas tradições, numa tentativa de “(...) desfazer os preconceitos disseminados na sociedade, apontando as possibilidades de apresentar o escritor negro como consciente de seu papel transformador” (FONSECA, p.16).

Mergulhados na idéia de tratar de temas que envolvam a vida dos negros sem estar todo o tempo reforçando a imagem estereotipada que se formou ao longo dos séculos em que foram escravizados, temos a escritora Conceição Evaristo que, juntamente com outros autores afro-brasileiros, faz em suas obras um resgate da cultura e do sentimento dos negros com o objetivo romper com os silenciamentos e os preconceitos em relação à sua figura, sua história e sua cultura, tão comuns nas literaturas tradicionais.

Será objeto de análise o conto “Olhos d’água”, publicado no volume 28 dos *Cadernos Negros*.

No conto, questões que envolvem “a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial” (FONSECA, 2006) são apresentadas. As personagens negras estão muito longe de serem

comparadas às figuras “bestializadas” freqüentemente retratadas nos textos literários canônicos de nosso país. No ensaio da professora Gizelda Melo do Nascimento, “O negro como objeto e sujeito de uma escritura”(2006), a ensaísta apresenta dois tipos de inscrições literárias: a primeira, partindo da análise da representação do negro na literatura canônica brasileira, iniciando com Gregório de Matos, passando por Alencar e chegando a Machado de Assis. Na segunda, uma outra visão é apresentada. Desta vez, o negro passa de “figura escrita” a “figura inscrita”, pois analisa autores que tratam do tema do negro como sujeito e autor de sua escritura.

Esse é o caso do tratamento que Conceição Evaristo dá ao tema no conto a que nos referimos. Em os “Olhos d’água” a cor da pele das personagens é um mero detalhe que só percebemos quando a narradora-personagem faz referência ao cabelo da mãe, e quando faz referências às ancestrais africanas, todas mulheres.

(...) Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela...(...) se tornava uma grande boneca negra para as filhas.. (...) E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue”

É interessante notar que, no conto em questão, temas ligados à vida do afro-descendente ganham mais visibilidade. Percebe-se nos textos de Conceição Evaristo o resgate das tradições de seus antepassados sendo sutilmente feito. A personagem narradora do conto, na sua busca pela cor dos olhos de sua mãe, procura sua real identidade, perdida na distância que foi obrigada a manter para ajudar na sobrevivência da família. Ao tentar lembrar a cor dos olhos de sua mãe, imediatamente vieram-lhe à mente as recordações de sua infância, época em que estava em maior contato com as tradições de seus antepassados. Ao empreender a viagem de volta a casa, na angustiante busca da resposta a pergunta, de que cor eram os olhos de sua mãe, de fato, está empreendendo uma viagem de auto-conhecimento e de afirmação de sua identidade (ROUANET, 1993).

Somente quando está de volta a casa, ela finalmente descobre de que cor eram seus olhos. Não sabia de que cor eram porque sempre estiveram escondidos atrás da umidade presente neles. A volta à casa materna pode ser lida como uma metáfora do retorno às suas origens. Esse movimento reforça a idéia de que a narradora, embora tenha se distanciado de seu lar e de sua família, não consegue romper com os vínculos que a ligam ao passado.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. (EVARISTO, 2005, p.33).

Todo o processo de rememoração por que passa a personagem remete-se a um outro problema que também é tematizado no conto. Trata-se da exclusão vivida por grande parte da população brasileira e que é o motivo da umidade constante dos olhos da mãe. O cotidiano da família que enfrenta sérias dificuldades é denunciado na escrita de Conceição Evaristo de uma forma poética e da mesma forma poética é feito em seu conto o resgate do universo cultural trazido pelos antigos africanos.

O surgimento de uma literatura negra, que tratasse de temas relacionados às questões vividas pelo afro-descendentes, como vimos, não é tão recente como se imaginava. A necessidade de se discutir sobre a literatura produzida por negros e que tematizasse os conflitos vividos por eles, tornou-se inevitável (FONSECA, 2006).

Poetas e escritores, que se debruçaram ou ainda se debruçam na tentativa de desfazer os estereótipos formados ao longo de cinco séculos, desafiam a produção canônica que reforçou a imagem distorcida e animalizada dos negros nesse país. É através das vozes desses escritores que a

tese da inferioridade étnica vai ser de fato desfeita e a humanidade afro-descendente será então representada.

Referências bibliográficas:

CASTRO, Nancy Campi de. “Questionamentos sobre uma literatura negra no Brasil”, in: *Anais do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Org. Laura Cavalcante Padilha. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Úrsula, primeiro romance afro-brasileiro”, in: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

EVARISTO, Conceição. “Olhos d’água”. In: *Cadernos Negros: contos afro-brasileiros*, volume 28, São Paulo: Quilombhoje, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: Como responder à polêmica?” In: *Literatura Afro-Brasileira* / organização Florentina Souza, Maria Nazaré Lima. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA, Jorge de. “Essa nega Fulô”,
in: <http://www.revista.agulha.nom.br/jorge.html#inicio>

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. “O negro como objeto e sujeito de uma escritura”. In: *Caderno Uniafro* / organização Lúcia Helena Oliveira Silva, Frederico Augusto Garcia Fernandes. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

ROUANET, Sérgio Paulo. *A Razão Nômade – Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro RJ: Editora UFRJ, 1993.

SCARPELLI, Marli Fantini. “Machado de Assis: literatura e emancipação”, in: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. “Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil”, in: *Negras Imagens*. São Paulo: Estação Ciência, 1996.

SILVEIRA, Oliveira. “Outra nega Fulô” in: *Cadernos negros: os melhores poemas* / organizador Quilomboje. São Paulo: Quilomboje, 1998.